



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'Prosas seguidas de Diálogos', de António Ramos Rosa]

António Vieira

Para citar este documento / To cite this document:

António Vieira, "[Recensão crítica a 'Prosas seguidas de Diálogos', de António Ramos Rosa]", *Colóquio/Letras*, n.º 179, Jan. 2012, p. 272-275.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Por coincidência, surgiram no Brasil, em 1998, os primeiros parágrafos dedicados a iluminar esta faceta menos conhecida de Jorge de Sena, com foco no *Portugal Democrático* — mais precisamente durante os colóquios do Rio de Janeiro (agosto) e de Araraquara (setembro) que assinalaram os 20 anos da morte do escritor. De ambos resultaram publicações onde Sena e o jornal são entrecruzadamente abordados. Traçada a rota, a pesquisa académica brasileira não mais a abandonou e, da bibliografia produzida, ressaltam-se as dissertações de Mestrado de Douglas Mansur da Silva (*A Ética da Resistência. Os Exilados Antisalazaristas do 'Portugal Democrático' (1956-1975)*, 2000) e de Ubirajara Bernini Ramos (*'Portugal Democrático' — Um Jornal de Resistência ao Salazarismo Publicado no Brasil*, 2004); e as teses de Doutoramento do mesmo Mansur da Silva (*Intelectuais Portugueses Exilados no Brasil. Formação e Transferência Cultural, Século XX*, 2007) e de Fabio Ruela de Oliveira (*Trajetórias Intelectuais no Exílio: Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena e Vítor Ramos (1954-1974)*, 2010). A propósito, cabe sugerir que estas «Obras Completas de Jorge de Sena» incluam em cada tomo a fortuna crítica que lhe seja pertinente, deixando mais visível a pujança dos estudos sobre o autor.

Decerto *Rever Portugal* fomentará interesses e propiciará bem-vindas investigações, merecendo detença especial o conjunto de páginas «norte-americanas» e o das crónicas «africanas», relativas à visita a Moçambique e Angola, num ano repleto de loas a Camões. Aliás, *Rever Portugal* é título de uma das crónicas dessa viagem, reproduzida na revista *Notícia*, de Luanda, em setembro de 1972, onde se lê: «A minha pátria são a literatura portuguesa e as culturas de língua portuguesa, seja onde e como forem. Quanto ao mais, eu não me quero dessa aldeia entalada entre o Terreiro do Paço e o Bairro Alto, enquanto ela

persistir em ignorar-me à escala universal e não aprender a *rever-se* na grandeza do Brasil, de Angola, de Moçambique, de Cabo Verde, etc.» (p. 210).

Rever ganha aí numerosos sentidos, que conviria ter em mente ao longo da leitura deste livro, a vários títulos, fundamental.

Gilda Santos

NOTAS

¹ In Eduardo Lourenço/Jorge de Sena, *Correspondência*, org. Mécia de Sena, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1991, p. 42.

² *Ibid.*, p. 98.

³ *Ibid.*, p. 101.

⁴ *Ibid.*, p. 97.

António Ramos Rosa PROSAS SEGUIDAS DE DIÁLOGOS

Faro, 4água / 2011

«É preciso construir com o silêncio e a sombra. [...] Na sua intrínseca transgressão a palavra conduzir-nos-á à nudez viva do silêncio, à transparência do ilimitado» (p. 10-1). Uma das injúrias que recebemos da sociedade no tempo presente é a perda do direito ao silêncio. De todos os lados se agita uma multidão sonora, dominante, intransigente, que se apropriou do mundo e, ao celebrar o seu triunfo, não se apercebe de que triunfa sobre o vazio. São vozes impertinentes e arrogantes, desdenhosas e sarcásticas, que todos escutam e são mesmo obrigados a escutar, como se não houvesse defesa alguma contra elas e todos estivessem condenados aos impropérios dissimulados de sedução que essas vozes gritam constantemente: na fúria da sua insanidade, o seu intento é anular toda e qualquer voz que não seja a sua e instaurar a onipotência do Nada e um poder titânico sobre o Nada. Eis então um pequeno livro insurrecto, a mover-se quase na clandestinidade. Nele se reúnem textos breves publicados por Ramos Rosa nos últimos

vinte anos, sobretudo no *JL, Jornal de Letras, Artes e Ideias*.

O que afinal parece surpreendente a quem pertence a uma tal sociedade (e não é fácil escapar-lhe) é que nela possa ainda sobreviver a literatura e, no limite, a poesia. Isto é, que esta outra palavra que sai do silêncio e da sombra e resguarda a nascente viva do mundo possa brotar por entre a trepidação que se apropriou das pessoas. Até que ponto o excesso de som e o assédio das vozes que nos interpelam poderão ainda proliferar? E até que limite poderá a palavra poética persistir? De um lado, o turbilhão de ruídos brutais e cantos dissonantes, vociferações e gargalhadas que só por paradoxo tentam seduzir; do outro, um fio de voz e um fio de escrita que se obstinam em sulcar o deserto e são garantias da continuação do homem num cenário adverso. Num dos pratos da grande balança das aparências, esses que, «onde quer que estejam, falam sempre alto, senhores de si, senhores de tudo. Poderei eu alguma vez dizer uma palavra?» (p. 9); no outro prato, «a minúscula monotonia de um insecto celebra a humilde fidelidade a um planeta vivo» (p. 14).

A voz de Ramos Rosa situa-se na margem viva desta clivagem. Vemo-lo na fotografia da capa deste livro, atento, inclinado sobre o texto em construção, absorvido na teia das palavras que, linha a linha, verso a verso, vão suscitando a transgressão, como ele mesmo lhe chama. Este acto insurrecto consiste em suscitar perguntas que subtraem o leitor à distração de um mundo trivial, trazendo-lhe algum estranhamento e convocando-o a novas visibilidades. Dá-se aí uma fractura indelével: para um lado, o objecto-livro que visa tornar-se objecto livro replicado por milhares, por milhões, trivializado, fabricado para contemplar o gosto do maior número, mercantilizado, publicitado, consumido e por fim abandonado; do outro lado, o livro-palimpsesto,

que circula através de uma «comunidade inconfessável» e transporta o poder de um alerta e de um sobressalto, partindo rumo a novos e perigosos horizontes. Se a nossa situação no mundo é desamparada, isso hoje é agravado pela precariedade da nossa situação na sociedade. Perdemos experiência, fomos expulsos da natureza e somos violenta e obstinadamente arredados da linguagem do pensamento. Enfraquecidos assim, tanto no nosso senso crítico como no poder de imaginar, podemos ficar nus e vulneráveis perante as formidáveis forças de dominação e coacção que nos constroem, tornando-nos multidão. Ramos Rosa: «Quando escrevo, não pretendo ocupar um território mas abrir um espaço novo em que o teu vazio possa vibrar nas palavras e o teu silêncio as possa apagar e restituir-lhes a pureza de uma aparição integral» (p. 18-9).

Há um espaço capcioso de separação entre as coisas que se apresentam e as palavras que as denominam. Como se entre a palavra e o objecto que lhe é destinado e ela nomeia se interpusesse uma camada finíssima de caos. «As palavras», escreve Ramos Rosa, «mover-se-iam como para um corpo magnético mas nunca o alcançariam e elas próprias queriam ser esse corpo total e indivisível» (p. 23). Parece surpreendente, mas é na metamorfose urdida na lâmina de separação entre a palavra e o objecto nomeado que se opera o trabalho literário. Coisa intensa entre todas, mas discreta, que escapa em geral aos olhares de leitores, editores e críticos — essa manobra de prestidigitação que, de um espaço invisível que separa, extrai, por meio da escrita bem visível, algo que propõe enigmas e suscita percursos, que se pode revelar contra o hábito, os conceitos vigentes, a tradição, a tranquilidade do ânimo e a complacência que prometem.

A ciência tira da aproximação entre palavra e objecto a ilusão de conhecimento e

apropriação, mas não obtém senão poder. A palavra poética, essa toca no limite o objecto cobiçado, como um sílex percute contra outro e faz saltar uma faísca que mostra por um instante uma paisagem insólita que logo se dissipa. É como uma visita órfica aos Infernos, mas desse encontro que não revela mais do que instantânea estranheza a palavra sairá renovada e tornar-se-á secreta. Ramos Rosa desenvolve e traça aqui uma subtil fenomenologia da invenção poética, desde os passos que conduzem do primeiro sobressalto da imaginação *poiética* à escrita do poema, caminho fulgurante e arriscado. Talvez por isso, reconhece que a palavra poesia contém como «um vazio, uma névoa e uma tenuidade que se sobre põe ao seu significado e o torna vazio e quase imperceptível» (p. 65).

A filosofia, uma das paixões confessadas do poeta, está sempre por perto. Para procurar as raízes últimas da poesia, ele suscita e encontra, noutra plano mas obstinadamente, os problemas-chave da metafísica. A natureza da linguagem, a crise da sociedade, a utopia, a liberdade, a ingenuidade, a morte, a ideia de Deus, os fundamentos da existência, são percorridos um por um ao longo dos intrigantes Diálogos que fecham este livro, paradoxalmente menos poéticos do que as Prosas, que o abrem. Neles, o narrador aparece como um *alter ego* bem próximo do autor; enquanto o interlocutor surge como voz dissidente mas nunca oposta à voz do narrador, servindo, ao menos em aparência, para facultar um método de indagação, propor alternativas conceptuais, sopesar argumentos e cotejar ideias. No ensaio dedicado a Robert Bréchon, que forma um dos diálogos, o narrador defende a imaginação enquanto fulcro da liberdade. Um esboço inquieto de imaginação, de «audição interior», como nos diz, desperta no escritor e logo se projecta na escrita por efeito de uma transformação. Esta faculdade de imagi-

nar, em confluência com a memória (da qual é tributária), torna-se fulcro da identidade e liberdade do eu pensante, desta curiosa entidade desejante-morrente que é o homem. E suscita-se a possibilidade, essencialmente optimista, de que se possa «anular a condição trágica da existência humana» (p. 43).

Só poderemos concebê-lo se, através da capacidade da imaginação criativa, cada ser pensante (ou melhor, cada ser linguístico) for levado por veredas de descoberta e invenção de linguagem e significado que constituam «afirmação inaugural da liberdade humana» (p. 43). Porque há na imaginação uma energia inventiva prodigiosa, que liberta cada homem que a ela acede do convívio submisso da cultura e da complacência: é uma energia ao mesmo tempo de dádiva e de provocação. Segue-se a ideia da emergência da liberdade a partir da retirada de Deus: «Deus, se existia, tinha-se divorciado inteiramente da criação» (p. 27); «Somos livres porque Deus nos abandonou, e há que viver e construir as nossas vidas a partir dessa liberdade essencial» (p. 85). Hipótese que parece marcar a plena Modernidade, após a crença fatalista da Antiguidade e a onnipresença do poder divino nas sucessivas metafísicas do Ocidente. A morte de Deus, tema nietzscheano por excelência, deixa o homem órfão e incita-o à liberdade, na senda de Jules Lequier e de Jean-Paul Sartre. As forças formidáveis do Jogo desencadeiam-se e arrastam o universo a uma deriva ao sabor dos seus caprichos. O *malin génie* de Descartes toma o leme da nave abandonada por Deus.

Ramos Rosa: «O sentir é uma articulação originária do homem com o mundo, e a linguagem reactualiza esse movimento primordial» (p. 110). Mas se as palavras flutuam sobre as coisas, levemente acima das coisas, sem que as pessoas distraídas se apercebam (como Buda caminhava pou-

sando os pés sobre uma finíssima lâmina de aparência acima do chão que parecia pisar) — e se nesse intervalo se insinua a literatura, que a partir dele opera as metamorfoses mais pasmosas —, os sentidos, esses, tocam a realidade da qual fazem parte: tocam-na, mas colhem dela um plano único de entre uma infinidade de planos possíveis, enquanto a linguagem assume a pretensão oposta: a totalidade do mundo está a seus pés! Desmesura imanente à palavra, que num só lance se apropria do universo (destinado a ser sentido) e do próprio Ser (destinado a ser pensado)!

A poesia responde a um hiato, a uma carência fundamental. Na nossa visita efémera ao tal Jogo do mundo — ao qual chegámos demasiado tarde e do qual partiremos demasiado cedo para lhe conhecermos as regras, se é que as há — ficámos emparedados entre dois blocos compactos de noite e de silêncio sem limites. Que o canto de Orfeu tenha hipnotizado o cão Cerbero e encantado por momentos os deuses dos Infernos, anuncia o poder perturbador da poesia; enquanto o descontrolo do olhar do herói com o vulto de Eurídice revela os seus limites. A palavra poética desafia assim, no instante de um fulgor, a maior das opacidades, sem poder atingir a essência da Noite. Ora, esta opacidade transborda do Hades para o comum dos objectos e reencontra-se na totalidade dos seres. Num livro editado recentemente, Jean Paulhan di-lo nestes termos: «É como se houvesse em cada pensamento — ou, se preferirem, em cada objecto — uma face negra, invisível e inacessível à reflexão. Como se nenhuma coisa fosse sem mistério. Sabemos que não há claridade que não pressuponha em si opacidade e sombra.»¹

Ramos Rosa evoca o problema-limite da situação do homem no mundo, que é essencialmente poético (por ser essencialmente metafísico), com um desfiladeiro

de enigma e outro de mistério. Evoca-o no último diálogo do seu livro, «A Sensação Primordial». Sentem-se, ao lê-lo, ecos de Heidegger e um reflexo de Husserl, breve mas intenso, uma vez que a «sensação originária», ainda pré-verbal mas anunciadora da polaridade eu/mundo percebido, e realmente fundadora da certeza do Ser, está próxima do *logos pré-reflexivo* husserliano e da *síntese passiva*. Descartes lançou a forte âncora do *Cogito*, do lado da *res cogitans* — mas Husserl lançou-a na sensação, em pleno mundo, do lado da *res extensa* (ou, teria dito Merleau-Ponty, na carne do mundo). Diz-nos o poeta: «É no domínio da sensação originária, anterior à polaridade sujeito-objecto, que o homem e o mundo se encontram em estado nascente» (p. 110). Esta declaração husserliana clarifica o belo e misterioso texto «A Composição dos Mundos», que celebra «o encontro entre a subjectividade e a ardente matéria da terra» (p. 29).

António Vieira*

NOTAS

* A. V. escreve de acordo com a antiga ortografia.

¹ Jean Paulhan, *Le Grand Scandale de la philosophie*, Paris, Fata Morgana, 2007; trad. minha.

Joaquim-Francisco Coelho LETRAS DE JORNAL

Lisboa, Assírio & Alvim / 2010

Defendia Ortega y Gasset que o filósofo devia deixar a sua torre estudiosa e descer à praça pública para aí divulgar as suas «ideias y creencias» a um auditório mais vasto. Colaborar em jornais não desprestigiava o pensador que com a sua mágica prosa conquistava muitos leitores e admiradores. O singelo título deste livro, se diz como nasceu o volume — coletânea de escritos publicados no *JL, Jornal de Letras, Artes e Ideias* —, não deixa adivinhar a densidade